



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Artigo recebido até 15/01/2012  
Aprovado até 15/02/2012

## UM PERCURSO PELA HISTÓRIA DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

---

Ana Cláudia Fernandes Ferreira

(Univás)

anaclau@gmail.com

### Introdução

O presente trabalho faz um percurso pela história da semântica da enunciação de Eduardo Guimarães, partindo das primeiras pesquisas em semântica que o autor produziu a partir de 1976. Parte das reflexões desse percurso pela produção de E. Guimarães foi realizada em minha dissertação de mestrado sobre a constituição da semântica argumentativa no Brasil no período de 1970 a 1980<sup>1</sup> (FERREIRA, 2005a) e em um trabalho posterior sobre o conceito de interdiscurso na semântica da enunciação (FERREIRA, 2005b).

Em meu mestrado, busquei estudar a história da semântica argumentativa nas produções de C. Vogt e E. Guimarães, considerando a questão da designação desse nome de teoria ao lado de vários outros nomes presentes nas obras dos autores. A pesquisa foi realizada a partir de minha participação no projeto interinstitucional História das Idéias Lingüísticas no Brasil – HIL<sup>2</sup>, através de uma filiação à *semântica histórica da enunciação*,

---

<sup>1</sup> Este período se alargou um pouco com as análises de algumas produções de Eduardo Guimarães da década de 1990.

<sup>2</sup> Esta dissertação, inscrita no projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil, teve como objetivo estudar alguns aspectos da configuração da *semântica argumentativa* em produções de Carlos Vogt e Eduardo Guimarães, em torno das décadas de 1970 e 1980. Neste estudo, realizei análises sobre o nome *semântica argumentativa* ao lado de outros nomes de teoria presentes nas produções destes autores. Estas análises permitiram uma compreensão sobre a estabilização do nome *semântica argumentativa* em seus estudos e, ao mesmo tempo, sobre os sentidos deste nome em movimento. Este funcionamento da *semântica argumentativa* enquanto um nome de teoria estabilizado com sentidos em movimento é compreendido a partir de relações interdiscursivas produzidas por condições materiais específicas: condições históricas gerais da produção do conhecimento sobre a linguagem e condições históricas específicas ao domínio da *semântica argumentativa*, na relação com as instituições onde as pesquisas dos autores foram produzidas.

Minha pesquisa de mestrado foi realizada no âmbito do Projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil (vinculado ao acordo Capes/Cofecub e desenvolvido na Unicamp, na USP e na ENS-Lyon) e contou com o apoio da Fapesp.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

proposta por Eduardo Guimarães, e de um diálogo teórico com a *análise de discurso*, proposta por Michel Pêcheux e Eni Orlandi e outros autores.

Dentro deste quadro teórico-metodológico, cabe destacar dois procedimentos analíticos que mobilizarei aqui: a *articulação* e a *reescrituração*. Elas definidas por E. Guimarães em relação à textualidade como dois procedimentos fundamentais através dos quais se constitui a enunciação. Os procedimentos de articulação “dizem respeito às relações próprias das contigüidades locais. De como o funcionamento de certas formas afeta outras que elas não redizem” (GUIMARÃES, 2004: p. 18). Como outro exemplo deste tipo de procedimento vale citar as *operações narrativas* e as *operações argumentativas*. A reescrituração, segundo E. Guimarães (2004), “é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si” (p. 17). E ao redizer o que já foi dito, produz-se uma deriva do sentido (GUIMARÃES, 2002).

Para este trabalho, foram selecionados alguns dos aspectos da produção intelectual de Eduardo Guimarães que analisei em minha dissertação. Nessa seleção, busquei focalizar a questão da enunciação, do discurso e da história, que são fundamentais na obra do autor. A partir daí, fui trazendo outras questões de modo a mostrar as relações entre os conceitos e entre outros nomes de teoria que foram designando a sua semântica. Para isso, fez-se necessário reformular algumas partes do texto da dissertação e acrescentar uma ou outra reflexão nova. No entanto, de modo geral, mantive que já havia sido elaborado.

O presente trabalho é a minha maneira de contribuir para esta merecida homenagem ao professor Eduardo Guimarães, por quem tenho um grande respeito e admiração. É um imenso prazer poder participar desta homenagem apresentando o resultado de uma parte importante de minha formação nos estudos da linguagem. Sinto-me muito feliz pela oportunidade que tive, em minha formação, de acompanhar de perto um pouco dos caminhos da semântica do professor Eduardo Guimarães e, depois, de poder pesquisar sobre esses caminhos. Isso não foi sem conseqüências para os caminhos que eu venho trilhando agora.

#### **A SEMÂNTICA E A ENUNCIÇÃO ENTRE OUTROS NOMES E CONCEITOS**



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Em sua dissertação de mestrado, *Da Modalidade e Auxiliarização Verbal em Língua Portuguesa* (1976), Eduardo Guimarães realiza um estudo sobre os *sentidos* possíveis de enunciados com modal, expressos pelos verbos *dever*, *precisar de*, *ter de (que)* e *poder*, seguidos de infinitivo. Esse estudo é feito a partir de uma perspectiva lingüística da semântica que se filia a trabalhos de autores como Émile Benveniste e Oswald Ducrot, e de um diálogo com a filosofia da linguagem.

Eduardo Guimarães parte do modelo de descrição semântica proposto por Oswald Ducrot em “Pressupostos e Subentendidos” (DUCROT, 1969) e retomado em *Princípios de Semântica Lingüística. Dizer e não Dizer* (DUCROT, 1972a), mas o modo como trabalha com este modelo já estabelece uma diferença importante, que vale destacar.

Em *Princípios de Semântica Lingüística. Dizer e não Dizer*, O. Ducrot faz uma distinção entre *significação* e *sentido*, que em “Pressupostos e Subentendidos” não era fixa. Com esta distinção, a *significação* é obtida pelo componente lingüístico (CL) e o *sentido* pelo componente retórico (CR). O *sentido* é compreendido como efeitos de sentido produzidos pelo subentendido no processo de descrição semântica. Ao lado disso, como pude compreender com as análises de minha Dissertação de Mestrado, relativas à teoria ducrotiana daquele momento, embora a questão do “não lingüístico” estivesse posta, ela não era o foco do trabalho de Ducrot. O foco era o lingüístico. E o estudo do CR permitia ao autor uma maior compreensão daquilo que seria o “propriamente lingüístico”.

Nos primeiros estudos de E. Guimarães, como sua dissertação e sua tese, por exemplo, a distinção entre *significação* e *sentido* segue a terminologia de O. Ducrot. Em estudos posteriores, *significação* e *sentido* deixam de funcionar nesta relação CL/CR, passando a funcionar numa relação de sinonímia<sup>3</sup>. Tendo em conta que o objetivo proposto por Eduardo Guimarães, em sua dissertação, é estudar os *sentidos* possíveis de enunciados com modal, já se pode notar que o foco de interesse no trabalho com o modelo ducrotiano não está no componente lingüístico e sim no componente retórico.

---

<sup>3</sup> Talvez uma análise mais aprofundada sobre o modo de presença de *significação* e *sentido* mostre que estas palavras sejam menos sinônimas do que aparentam sob este efeito de sinonímia. Nas análises deste capítulo, quando as palavras ‘significação’ e ‘sentido’ estiverem em itálico elas estão funcionando na distinção *significação/sentido* que apresentei. Quando não estiverem, estão funcionando fora desta distinção. Como já observei, considero, assim como E. Guimarães (1995), o sentido como efeitos do cruzamento de discursos possibilitados pelo interdiscurso no acontecimento enunciativo.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Tanto nos estudos de O. Ducrot (1969, 1972a, entre outros) como na dissertação de E. Guimarães (e em alguns estudos posteriores), o sentido de *discurso*, é o de algo que tem começo, meio e fim. Além disso, o sentido de *discurso* é, de modo geral, um ato ou resultante deste ato. E *enunciação* é, quase sempre, um ato.

Em relação a isso, é interessante salientar que estas palavras, *enunciação* e *discurso*, são muito freqüentes no estudo de E. Guimarães, assim como a expressão *situação de discurso*. Muito mais freqüentes do que nos trabalhos de O. Ducrot. Os sentidos de *discurso*, *enunciação* e *situação de discurso* são relacionados, no texto de sua dissertação, com as propostas de outros autores, como Émile Benveniste, John Austin e John Searle.

O sentido de *discurso* não é o mesmo que estava sendo proposto pela análise de discurso, por exemplo. O que não significa que as propostas da análise de discurso não tenham produzido efeitos na dissertação de E. Guimarães com relação ao interesse na questão do discurso, da enunciação e da situação de discurso. Sobre este ponto, é importante observar que na parte dedicada aos agradecimentos da dissertação de E. Guimarães é mencionado o nome de Eni Orlandi, a quem o autor agradece por indicações bibliográficas e por discussões feitas em torno de seu trabalho. Eni Orlandi lecionava a disciplina Sociolinguística na USP e já trabalhava com a análise de discurso naquele momento. Já havia um espaço de discussão instaurado entre os estudos semânticos de E. Guimarães e os estudos de análise de discurso de E. Orlandi.

A meu ver, a instauração deste espaço de diálogo com a análise de discurso teve um papel importante no interesse da dissertação do autor por aquilo que não seria o ‘propriamente lingüístico’ dos estudos de O. Ducrot. Melhor dizendo, por considerar a situação de discurso, a enunciação e o discurso não apenas na relação determinada por aquilo que o componente lingüístico produz como *significações*, mas também por aquilo que o componente retórico produz como *sentido*. E ainda, por focalizar a situação de discurso, a enunciação e o discurso em propostas de outros autores como E. Benveniste, J. Austin e J. Searle.

Vale observar também que o nome *semântica lingüística*, presente nos textos de O. Ducrot para designar o seu campo de estudos não está presente na dissertação de Eduardo Guimarães. Nela, aparecem outros nomes que designam o campo teórico no qual o autor situa seus estudos: *teoria da enunciação*, *teoria geral do discurso*, *lingüística*, *lingüística do discurso*, *semântica*, *semântica do discurso*, *pragmática lingüística* e *lógica da linguagem*.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Nestes nomes estão expressas relações de sentido que não se conservam no ‘propriamente lingüístico’ pertencente ao componente lingüístico da descrição semântica mobilizada.

Para observar com mais detalhes um pouco das relações de sentido entre estes diversos modos de designar o campo de estudos na dissertação de Eduardo Guimarães, começarei por trazer um recorte do Proêmio. Escreve o autor:

[01] “Julgamos que [a] **só um estudo semântico** da língua pode buscar soluções satisfatórias para o problema da modalidade. E nos pareceu que [b] **o estudo semântico feito dentro de uma teoria da enunciação** permitiria importantes reflexões sobre a linguagem e poderia trazer alguma contribuição, por menor que fosse, para o melhor conhecimento do problema da modalidade e, conseqüentemente, da Língua Portuguesa. Foi com esta esperança que nos dedicamos a este trabalho, sem grandes pretensões, mas confiantes.” (p. III)

O ‘só’ restringe a possibilidade de buscar soluções para o estudo do autor para [01[a]] ‘um estudo semântico da língua’. O escopo do ‘semântico’ é determinado no enunciado seguinte por [01[b]] ‘o estudo semântico feito dentro de uma teoria da enunciação’. Há ‘uma teoria da enunciação’ que determina o tipo de estudo semântico que irá se fazer. Portanto, não é ‘um estudo semântico da língua’ que poderia ser feito fora de uma teoria da enunciação, mas ‘o estudo semântico’ que é ‘feito dentro de uma teoria da enunciação’.

Vejamos, a seguir, um recorte da Introdução:

[02] “A lingüística, **hoje**, se vê a braços com a difícil tarefa de constituição da semântica. Esta disciplina enfrenta, também, o problema da definição de seu objeto. Não só na definição das relações entre os componentes de uma gramática, mas também na relação da **semântica** com **outras disciplinas não lingüísticas**. No primeiro caso, estariam **as discussões sobre as relações entre semântica e sintaxe**, e, no segundo, estaria, por exemplo, **a discussão sobre a consideração ou não da situação de discurso como elemento lingüístico**. Só isso basta para ver a semântica como uma aspiração. Muitos já disseram que o caminho a percorrer era longo, e ainda hoje isto pode ser dito. De outro lado, há ainda a dificuldade sempre presente da falta de uma metalinguagem capaz de atender às necessidades dos semanticistas. Enfim, todos os modelos de descrição esbarram com sérios problemas para os quais são incapazes de apresentar soluções satisfatórias. Assim, a escolha que aqui se fizer esbarrará, necessariamente, com estes problemas.” (p. XI)

O ‘hoje’ situa a constituição da semântica pela lingüística no tempo presente. Ela é tomada como um campo em constituição *pela* lingüística. Esta semântica, que está sendo constituída, é dividida, pela lingüística, em duas semânticas: uma que procura definir seu objeto pelas ‘relações entre os componentes de uma gramática’, no interior da qual estariam



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

as discussões entre semântica e sintaxe, e outra que procura uma relação ‘com outras disciplinas não lingüísticas’, no interior da qual estariam as discussões entre semântica e situação de discurso.

A situação de discurso é considerada para esta última semântica de modos diferentes. Isso faz com que ela seja re-dividida: uma semântica que não considera a situação como elemento lingüístico, e outra semântica que considera a situação como elemento lingüístico. Neste ponto, pode-se notar que estas duas semânticas – mesmo que de modos diferentes – consideram a situação de discurso.

Através da consideração de uma semântica que discute, no interior da lingüística, sobre a consideração ou não da situação de discurso, abre-se espaço para incluir, no interior mesmo da lingüística, estas ‘outras disciplinas não lingüísticas’.

Tomarei, a seguir, um recorte que é o parágrafo subsequente ao citado acima:

[03] A partir dos trabalhos de Benveniste (1975) e da filosofia analítica inglesa, fundamentada em Austin (1970), **vêm-se desenvolvendo estudos sobre os atos de fala, ou atos de enunciação**. Ou seja, **tem-se desenvolvido o estudo da enunciação**. Parece que este estudo poderá trazer consideráveis contribuições para **a lingüística geral**, o conhecimento da linguagem, para **a lingüística do discurso** (que também agora se constitui), assim como para uma descrição mais abrangente das línguas naturais.” (p. XI e XII)

Em [03], o autor situa os trabalhos de E. Benveniste e de J. Austin como o ponto de partida para o desenvolvimento do estudo da enunciação. A expressão referencial definida ‘o estudo da enunciação’ recobre os trabalhos destes autores e o estudo que, ‘a partir’ destes trabalhos ‘tem-se desenvolvido’.

Nessa narrativa, as formas verbais ‘vêm-se desenvolvendo’ e ‘tem-se desenvolvido’ estão articuladas a ‘estudos’ e ‘o estudo’ e não aos autores que desenvolvem estes estudos.

Desse modo, a expressão referencial definida ‘o estudo da enunciação’, determinada pelo artigo definido ‘o’, significa como uma unidade que recobre toda a produção sobre a enunciação, incluindo a de E. Benveniste, J. Austin e outros de autores não citados diretamente. Os trabalhos destes autores são significados como [01] ‘o estudo semântico feito dentro de uma teoria da enunciação’.

Em [03], ‘o estudo da enunciação’ é considerado como capaz de trazer ‘consideráveis contribuições’ para a lingüística geral e para a lingüística do discurso. Assim, o estudo da





Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

enunciação é aí tomado como fora da lingüística e que pode, enquanto contribuição, situar-se dentro dela.

Em ‘a lingüística geral’ e ‘a lingüística do discurso’, também acompanhadas por um artigo definido, tem-se um efeito de unidade semelhante ao de ‘o estudo da enunciação’, sem a identificação de autores. No entanto, ‘a lingüística geral’, ‘a lingüística do discurso’ e ‘o estudo da enunciação’ produzem recortes diferentes. Com relação aos autores já citados, que são Émile Benveniste e John Austin e, também, a autores ainda não citados, como Oswald Ducrot e John Searle.

‘Lingüística do discurso’, que se configura no interior da ‘lingüística geral’, é um nome mais restrito e também recobre nomes de autores no interior da Lingüística. Assim, tanto ‘lingüística geral’ como ‘lingüística do discurso’ não incluiriam como autores os nomes de J. Austin e J. Searle.

Os três recortes seguintes são do capítulo I, nomeado de “Da Enunciação”, sendo o primeiro deles o primeiro parágrafo do capítulo:

[04] “Trabalhos como os de Benveniste, Austin, e Searle estão na base de uma nova maneira de ver a linguagem. A partir deles, coloca-se a possibilidade e necessidade [a] do estudo da enunciação, **ou seja**, [b] o estudo da realização efetiva de enunciados, numa dada situação. Este estudo procurará explicar o sentido de unidades lingüísticas a partir de uma referência à situação de discurso.” (p. 1)

[05] “Assim, Benveniste instala a perspectiva de **uma lingüística do discurso, de um estudo da enunciação.**” (p. 2)

[06] “Austin, em *Quand Dire, C’Est Faire* (1970), à procura da especificidade dos performativos, chega a **um esboço de uma teoria da enunciação.**” (p. 3)

Em [04], vemos que o ‘ou seja’ articula as expressões referenciais definidas [04[a]] e [04[b]], significando [04[b]] enquanto definição de [04[a]]. Nesse procedimento de articulação, [04[b]] ‘o estudo da realização efetiva de enunciados, numa dada situação de discurso’ reescreve [04[a]] ‘o estudo da enunciação’. Nesta reescrituração, produz-se uma determinação nos sentidos de ‘do estudo da enunciação’. Os autores que estão na base deste estudo, enquanto uma nova maneira de ver a linguagem são, além de E. Benveniste, J. Austin, já citados em [03], J. Searle. É a referência a esses autores que legitima o estudo do *sentido*.

Em [05], há uma re-significação de ‘a lingüística do discurso’ e ‘o estudo da enunciação’, que deixam de funcionar como uma unidade que engloba estudos de vários



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

autores. Nessas reescrituras, com artigos indefinidos, ‘uma lingüística do discurso’ e ‘um estudo da enunciação’ referem-se aos estudos de E. Benveniste.

Neste enunciado, a expressão referencial indefinida ‘um estudo da enunciação’ reescreve ‘uma lingüística do discurso’. Assim, o sentido de ‘uma lingüística do discurso’ é determinado pelo sentido de ‘um estudo da enunciação’. Dessa maneira, pode-se dizer que esta lingüística só é uma lingüística do discurso porque ela é um estudo da enunciação. Por outro lado, este estudo da enunciação passa a ser determinado pela lingüística do discurso porque fica concernido no âmbito da lingüística e não fora dela. Assim, nessa divisão do campo da lingüística do discurso e do estudo da enunciação, o estudo da enunciação é colocado no interior da lingüística do discurso.

E aí está uma diferença interessante entre o recorte [03] e o [05]. Enquanto em [03] o estudo da enunciação poderia dar uma contribuição para a lingüística geral e para a lingüística do discurso, estando ou não dentro da lingüística, em [05] o estudo da enunciação está no interior da lingüística. E por este motivo apenas Benveniste é citado como aquele que ‘instala a perspectiva de uma lingüística do discurso, de um estudo da enunciação’.

Também é interessante notar que, embora em [03], tanto Austin como Benveniste compareçam como os autores que deram início ao estudo da enunciação, em [06] Austin ‘chega a um esboço de uma teoria da enunciação’ e em [05] é Benveniste quem ‘instala a perspectiva de uma lingüística do discurso, de um estudo da enunciação’.

Essa divisão do estudo da enunciação situa, de um lado, os trabalhos de J. Austin e J. Searle como um estudo não-lingüístico da enunciação e, de outro, os trabalhos de E. Benveniste (e de outros lingüistas ainda não mencionados) como um estudo lingüístico da enunciação.

O campo da semântica em constituição pela lingüística, no qual estão as discussões sobre a consideração ou não da situação de discurso [02], é nomeado em [03] como ‘lingüística do discurso’, que segundo o autor ‘também agora se constitui’. Assim, esta narrativa do autor procura situar seu trabalho no interior deste campo em constituição que, em [02], discute, no interior da lingüística, a relação entre semântica e situação de discurso.

A passagem de um artigo definido ‘a’ que precede ‘lingüística do discurso’ em [03] para um artigo indefinido ‘uma’ que precede ‘lingüística do discurso’ em [05], mostra que a lingüística do discurso de E. Benveniste não é ‘a’ lingüística do discurso, mas ‘uma’





Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

lingüística do discurso'. Ou seja, essa lingüística do discurso que se instaurou primeiramente já não é a única lingüística do discurso existente.

Ao mesmo tempo, a semântica que não considera a situação de discurso como elemento lingüístico é nomeada de lingüística do discurso. É a lingüística do discurso instalada por E. Benveniste. A semântica que considera a situação de discurso como elemento lingüístico também é nomeada de lingüística do discurso. A indicação dos autores que poderiam estar no interior desta lingüística do discurso não é feita nestas partes do texto diretamente. Esta indicação começa a ser feita quatro páginas adiante, a partir de uma apresentação das reflexões de O. Ducrot, presente no prefácio de *Speech Acts* de J. Searle (1969).

Assim, nessa narrativa, o autor procura situar seu trabalho no interior deste campo em constituição que, em [02], discute, no interior da lingüística, a relação entre semântica e situação de discurso.

A respeito desta divisão no campo da semântica, nomeada de lingüística do discurso, é importante notar que ela está relacionada com algumas questões colocadas por E. Benveniste em seus estudos. Para o autor, em seu “Semiologia da Língua” (BENVENISTE, 1969a), a língua é o interpretante da sociedade por ser o único sistema que é, ao mesmo tempo, semiótico e semântico. Segundo o autor, na língua, os signos pertencem ao semiótico e a frase pertence ao semântico. No plano semiótico, os signos são os fonemas, morfemas e as palavras. Eles são analisados pelo seu *reconhecimento* enquanto unidades da língua. No plano semântico, está a frase, que não é concebida como uma unidade da língua enquanto sistema de signos. Ela é do domínio da língua enquanto unidade do discurso. Para E. Benveniste, é através da frase que a língua é *compreendida* em seu funcionamento, por meio de relações assertivas, imperativas e interrogativas, entre os locutores. E é através da frase, pertencente ao semântico, e compreendida enquanto unidade do discurso, que se pode fazer a referência à situação de discurso.

Tendo em vista as propostas de E. Benveniste neste texto, e em outros, E. Guimarães escreve:

[07] “[a] Seus estudos mostram **uma série de fatos** que se explicam satisfatoriamente no quadro de um estudo da enunciação. [b] **Mas** sempre fica a distância entre o semiótico e o semântico. O referencial, que só se explica



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

considerando a instância do discurso não é visto como parte do semiótico.”  
(GUIMARÃES, 1976: p. 2 e 3)

Notemos que em [07[b]], através da articulação do *mas*, a distância entre o semiótico e o semântico, relacionada à desconsideração do referencial como parte do semiótico, apresenta-se como um problema para o autor. A expressão referencial indefinida ‘uma série de fatos’, em [07[a]], não compreenderia o referencial enquanto parte do semiótico.

E. Guimarães, partindo de questões colocadas no prefácio ao *Speech Acts* de J. Searle, intitulado de “De Saussure à la Philosophie du Langage” (DUCROT, 1972b), escreve:

[08] “Dentro desta perspectiva, parece possível invalidar as colocações de Benveniste: “en réalité le monde du signe est clos. Du signe à phrase il n’y a pas transition” (1969, p. 134). Admitindo na língua explicações de **significações que levam em conta a situação de discurso** (portanto, a enunciação), formula-se uma hipótese que estreita a distância entre o sistema e seu uso, ao mesmo tempo em que se julga existir, **no sistema, elementos que prevêm o funcionamento do discurso e constituem seu sentido**, seu aspecto referencial.” (GUIMARÃES, 1976, p. 6)

Desse modo, para E. Guimarães, o mundo do signo não pode ser visto como fechado e deve haver uma transição do signo à frase. O motivo disto é a consideração de ‘significações que levam em conta a situação de discurso’. Estas *significações* são produzidas pelo componente lingüístico. Ou seja, por aquilo que pertence ao ‘propriamente lingüístico’. Desse modo, estes ‘elementos’ que, ‘no sistema’, ‘prevêm o funcionamento do discurso e constituem seu sentido, seu aspecto referencial’ são elementos que existem neste componente. É nesse sentido que a situação de discurso é vista enquanto elemento lingüístico.

E. Guimarães continua:

[09] “[a] Este estudo poderá ser então o estudo de enunciados, mas considerando que **a relação enunciado/situação seja lingüística (já está na língua)**. [b] E, pois, que o estudo dos enunciados deve ser feito dentro de **uma teoria geral do discurso**, que considera necessariamente **a situação de discurso** [c] (**a dimensão da enunciação é fundamental**).  
Dentro deste novo quadro, revigorar-se-ia o apropriar-se da língua, colocado por Benveniste. Apropriar-se da língua seria apropriar-se de suas possibilidades e limites, dos atos possíveis de se realizarem, e, neste espaço pré-estabelecido, realizar o discurso. E o sentido do discurso seria função destas possibilidades e limites.” (p. 6 e 7)



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

O enunciado entre parênteses, ‘a dimensão da enunciação é fundamental’ [09[c]], se acrescenta ao enunciado [09[b]], no qual ‘a situação de discurso’ é tomada como algo que necessariamente deve ser considerado dentro de ‘uma teoria geral do discurso’. A expressão referencial definida ‘a dimensão da enunciação’, caracterizada como fundamental, reescreve ‘a situação de discurso’, caracterizada como necessária. Desse modo, nessa reescrituração, ‘a situação de discurso’ é concebida como ‘a dimensão da enunciação’.

No interior desta ‘teoria geral do discurso’ [09[b]], a consideração de que ‘a relação enunciado/situação seja lingüística (já está na língua)’ [09[a]] é determinante para o estudo da *significação* no componente lingüístico. Ao mesmo tempo, esta consideração, no interior desta teoria do discurso que é ‘geral’, não exclui a consideração da ‘situação de discurso’ enquanto ‘dimensão da enunciação’ para o estudo do *sentido*, no âmbito do componente retórico.

O objetivo da dissertação do autor em estudar os *sentidos* possíveis de enunciados com modal acentua a tensão entre os sentidos de ‘situação de discurso’ e ‘dimensão da enunciação’ que incidem tanto no componente lingüístico, como no componente retórico.

Desse modo, pode-se notar que a consideração da situação de discurso como necessária e da dimensão da enunciação como fundamental se identifica com as propostas de E. Benveniste. E esta consideração, a partir da perspectiva de que a relação enunciado/situação seja lingüística (já está na língua), se identifica com as propostas de O. Ducrot.

A filiação ducrotiana marca uma diferença com os estudos de Émile Benveniste a partir da consideração da situação de discurso como elemento lingüístico para o estudo da *significação*. A filiação benvenistiana possibilita produzir uma diferença com os estudos de O. Ducrot a partir da consideração da dimensão da enunciação como fundamental para o estudo do *sentido*. Nesta relação de filiação com as propostas de Émile Benveniste e Oswald Ducrot, o estudo de E. Guimarães produz um deslocamento em relação às propostas teóricas de ambos.

A consideração da semântica como campo em constituição em [02] e [03] também pode ser encontrada no recorte a seguir, referente ao item “Atos de Enunciação” do capítulo “Da Enunciação”:



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

- [10] “Os estudos dos atos de linguagem (para usar a terminologia de Searle) apresentam-se, sem dúvida, como um vasto campo a ser percorrido pela semântica. No entanto, ainda se está no começo. Ainda não se sabe se há certos atos ilocucionais que seriam gerais e englobariam outros como derivados. Não se sabe nem mesmo se isto é possível. É verdade que a possibilidade de se poder derivar vários atos ilocucionais de um conjunto restrito de atos ilocucionais é sem dúvida, uma instigadora hipótese para os interesses de **uma semântica do discurso**. Nessa medida, a classificação dos atos ilocucionais feita por Austin na sua 12<sup>a</sup>. Conferência (*Austin, 1970, p. 151 e ss*) é, ao mesmo tempo, prematura enquanto realização, mas uma meta, enquanto hipótese de trabalho.” (p. 22 e 23)

Neste campo em constituição, a semântica também é nomeada de ‘uma semântica do discurso’. Há, com isso, outra divisão no campo da semântica. Diferentemente de *lingüística do discurso*, a designação de *semântica do discurso* pode abranger tanto uma semântica fora da lingüística, no caso de considerar por este nome os trabalhos de J. Austin e J. Searle, como também pode abranger uma semântica concernida no interior da lingüística, na qual o autor procura situar seu trabalho, como se pôde observar em [02] e [03]. Sendo este o lugar onde seu trabalho se coloca, o sentido de *semântica do discurso*, mesmo podendo significar fora da lingüística, passa a ser determinado pelo sentido de *lingüística do discurso*. Em outras palavras, a *semântica do discurso* na qual o autor se situa é aquela que é feita no interior da *lingüística do discurso*. É, precisamente, aquela [02] onde se pode discutir sobre ‘a consideração ou não da situação de discurso como elemento lingüístico’. O que não significa que a *semântica do discurso* feita fora da lingüística seja desconsiderada para a constituição da *semântica do discurso* no interior da lingüística.

Nesta medida, o nome *semântica do discurso*, que é enunciado a partir de um comentário sobre ‘os estudos dos atos de linguagem (para usar a terminologia de Searle)’ funciona a partir desta perspectiva teórica das propostas de E. Benveniste e O. Ducrot, no interior da Lingüística.

Retomando os nomes *teoria da enunciação*, *teoria dos atos de discurso* e *semântica do discurso*, podemos notar que eles estão dentro e fora da lingüística. Mesmo que a lingüística produza neles uma divisão, determinando o espaço em que o autor situa seu trabalho, o que fica fora da lingüística não se apaga.

Observando as relações de diálogo teórico que vão sendo construídas na dissertação de E. Guimarães e definindo o campo da semântica em que seu trabalho se inscreve, é possível dizer que elas seguem, de certa maneira, o caminho traçado em estudos de O. Ducrot,



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

publicados até 1973. Ao mesmo tempo, há diferenças relevantes: o próprio objetivo da dissertação de E. Guimarães, que se focaliza no componente retórico para o estudo do *sentido*; a presença de diversos nomes de teoria que focalizam o não lingüístico; e a ausência do nome *semântica lingüística*.

Com relação à ausência do nome *semântica lingüística*, é interessante observar o modo como os estudos de O. Ducrot são apresentados.

No segundo capítulo de sua dissertação, intitulada de “O Modelo de Ducrot como Modelo Possível”, o autor escreve:

[11] “Procurar-se-á, agora, colocar o **modelo de descrição semântica, concebido por Ducrot** (1972, p. 106-141), que parece ser capaz de dar conta da descrição dos enunciados com modais a partir das hipóteses formuladas sobre eles, dentro de uma teoria da enunciação.

O que se procura é determinar como um ouvinte, numa dada situação de discurso, entende um enunciado que lhe é dito. Ou seja, como um ouvinte entende um ato de enunciação de um locutor dado numa dada situação de discurso.

Assumindo a posição de Ducrot, considerar-se-á o pressuposto do enunciado como parte de sua significação. (...). A hipótese de Ducrot se adequa melhor às hipóteses aqui feitas dentro de uma teoria dos atos de enunciação. Optando pela posição de Ducrot, procurar-se-á ver em que medida ela dá conta dos problemas aqui propostos, ou indica caminhos de solução.” (p. 50)

Neste recorte, o autor precisa como será seu estudo no interior de uma teoria da enunciação. É com o modelo de descrição semântica que, conforme escreve, parece ser capaz de dar conta da descrição dos enunciados com modais a partir das hipóteses formuladas sobre eles. Tal modelo, que aparece especificado entre vírgulas, é aquele presente em *Princípios de Semântica Lingüística. Dizer e não Dizer* (DUCROT, 1972a).

É interessante notar que, ao precisar o tipo de estudo que será feito, não é enunciado um nome para designá-lo, como por exemplo, *semântica lingüística*. Ao invés disso, todas as vezes que há uma referência direta aos estudos de O. Ducrot, especificamente, ela é feita através de expressões referenciais definidas como, por exemplo ‘o modelo de interpretação semântica de Ducrot’, ‘o modelo de Ducrot’, bem como o próprio título do capítulo que é ‘O Modelo de Ducrot como Modelo Possível’.

Enquanto o nome *semântica lingüística* não comparece na dissertação de E. Guimarães, outro nome que comparece ao lado daqueles já analisados é *pragmática*



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

*lingüística*. Este nome está presente nos dois últimos capítulos (quarto e quinto) e na conclusão de seu trabalho.

Os recortes que apresento a seguir são, respectivamente, da conclusão do quarto capítulo e da conclusão da dissertação do autor:

[12] “(...) a colocação deste estudo dentro de **uma teoria da enunciação**, de **uma pragmática lingüística**, permitiu algumas considerações importantes sobre as relações de significação entre os enunciados em estudo, como é o caso da relação de antonímia, por exemplo. Então, este ponto de vista de **uma pragmática lingüística** indicou soluções que **uma lógica, stricto sensu**, seria incapaz de fornecer. Isto parece confirmar a hipótese de que **a semântica** deve buscar **uma lógica da linguagem**.” (p. 118)

[13] “Estas conclusões parecem corroborar a hipótese de que o estudo dos modais deve ser feito dentro de **uma teoria da enunciação**, dentro de **uma lógica da linguagem**, que só se faz quando se considera **uma pragmática lingüística**.” (p. XXXV)

Nestes dois recortes há vários nomes relacionados: *teoria da enunciação*, *pragmática lingüística*, *lógica*, *semântica* e *lógica da linguagem*.

É interessante acrescentar que o recorte [12] corresponde a uma parte das considerações do estudo do autor sobre as *significações* e o recorte [13] corresponde a uma parte da conclusão de seu estudo sobre as *significações* e os *sentidos*. A *pragmática lingüística* significa, dessa maneira, tanto o componente lingüístico quanto o componente retórico.

No recorte [12], através da vírgula que separa ‘uma pragmática lingüística’ e ‘uma teoria da enunciação’, produz-se, como efeito, uma relação de sinonímia entre estas expressões. Nesta relação de sinonímia ‘uma pragmática lingüística’ reescreve e determina os sentidos de ‘uma teoria da enunciação’. Ao lado desta *pragmática lingüística* estaria uma *lógica da linguagem* e, em oposição, uma *lógica* do tipo ‘stricto sensu’.

Em [13], através de uma vírgula, tem-se os sentidos de ‘uma teoria da enunciação’ determinados pela reescritura de ‘uma lógica da linguagem’. Nas relações entre estes nomes, a *pragmática lingüística* é a condição para que o estudo dos modais seja feito e é ela que determina os sentidos de *teoria da enunciação* e *lógica da linguagem*.

No modelo de descrição semântica de O. Ducrot (1969, 1972a), questões relativas à pragmática são consideradas na teoria lingüística, tanto no componente lingüístico, como no





Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

componente retórico. Mesmo que a palavra ‘pragmática’ não compareça enquanto nome de teoria nestes estudos (até 1973). Tendo isso em conta, pode-se dizer que o nome *pragmática lingüística* funciona enquanto um nome que recobre a teoria de O. Ducrot e de E. Guimarães. Pode-se dizer, ainda, que a teoria ducrotiana é re-significada por este nome.

E quanto ao nome *lógica da linguagem*, vale notar que ele está presente nos textos sobre lógica e linguagem produzidos por O. Ducrot e colaboradores, desde 1966<sup>4</sup>.

Vou me deter, aqui, apenas em apontar para algumas relações de sentido entre pragmática e lingüística, produzidas pela introdução do nome *pragmática lingüística* na dissertação de E. Guimarães (1976a).

Diferentemente dos outros nomes enunciados em sua dissertação, *pragmática lingüística* é uma pragmática. Na relação estabelecida entre ‘uma pragmática lingüística’ e ‘a semântica’, é a partir de ‘uma pragmática lingüística’ que a semântica deve buscar uma lógica da linguagem.

No entanto, a palavra ‘lingüística’ articulada à ‘pragmática’ em ‘pragmática lingüística’ funciona como determinante desta ‘pragmática’. Acrescentando-se a isso que ‘lingüística’ determina os sentidos dos diversos nomes enunciados na dissertação do autor, também se pode observar que esta *pragmática lingüística*, por estar determinada por ‘lingüística’, é situada no interior do campo da lingüística e não fora dele.

Outro aspecto interessante é que, dos nomes enunciados nestes recortes, o único que está acompanhado de um artigo definido é *semântica*, sendo que todos os demais são acompanhados de artigos indefinidos. Na dissertação do autor, todas as vezes que os nomes ‘pragmática lingüística’ ou ‘lógica da linguagem’ estão presentes, eles comparecem com um artigo indefinido. A situação da *pragmática* é mais instável do que a *semântica*, que, mesmo sendo considerada como um domínio ‘em constituição’, já é uma disciplina existente no interior da lingüística.

Na relação estabelecida entre estes nomes que designam domínios de estudos, a lingüística está numa posição de determinante. Mas é importante notar que nenhuma determinação é fechada. Através da relação com todos estes nomes que se inscrevem no interior da lingüística, produz-se um movimento nos sentidos de seu campo. Neste movimento, alguns sentidos lhe escapam e outros sentidos a ocupam.

---

<sup>4</sup> Alguns destes textos estão reunidos em *Provar e Dizer* (Ducrot, 1973a).



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

## A semântica da enunciação entre outros conceitos e nomes

O primeiro trabalho de Eduardo Guimarães em que o nome *semântica da enunciação* comparece é a sua tese de doutorado, *Modalidade e Argumentação Lingüística. Análise de Enunciados no Passado em Língua Portuguesa*, de 1979. Esse nome funciona de modo a incluir as questões que já se faziam pertinentes em sua dissertação, que focalizavam a enunciação, o discurso, mas que não cabiam na designação de *semântica lingüística*, presente nos estudos de O. Ducrot.

A esse respeito, é interessante observar aqui alguns efeitos de unidade, produzidos por nomes de teoria presentes nos trabalhos de três semanticistas, que analisei em meu mestrado: O. Ducrot, C. Vogt e E. Guimarães. Para isso, apresento abaixo uma tabela que mostra os momentos em que diversos nomes comparecem nos textos destes autores. Estas tabelas contêm grande parte dos nomes de teoria presentes em seus textos, ao lado das datas em que os textos foram publicados, até a década de 1990<sup>5</sup>. Vejamos:

|                                  | Oswald Ducrot                     | Carlos Vogt           | Eduardo Guimarães                             |
|----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------|---|
| Semântica lingüística            | 1969,72,73,75,77,78,79,<br>80,84, | 1980,                 | 1979,   |
| Semântica argumentativa          | 1978, 80, 95, 99, 00,             | 1974, 80, 83, 84, 98, | 1983, 85, 86, 87, 95,                         |
| Semântica da enunciação          |                                   |                       | 1979, 81, 83, 85, 86, 87, 88,<br>89, 90...95, |
| Teoria da argumentação na língua | ?, 1989,                          |                       |   |
| Pragmática                       | 1976,                             | 1974,                 |   |

<sup>5</sup> As datas presentes nestas tabelas não foram a única fonte para as análises realizadas em minha tese. Em diversos momentos, foi importante considerar a data de apresentação de um texto em um evento, ou então, a data em que um texto foi escrito (quando o autor informa, ao final de seu texto, a data em que foi escrito). Sendo escritos ou apresentados anteriormente, ou ainda, comentados aqui e lá, os textos não ficam esperando saírem do prelo para começarem a circular. Apesar disso, o critério da data da publicação tem uma importância fundamental, pois um texto publicado significa como uma versão legitimada institucionalmente.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

|                                  |           |           |
|----------------------------------|-----------|-----------|
| integrada                        |           |           |
| Pragmática<br>lingüística        | 1984,     | 1976,     |
| Pragmática<br>ilocucional        |           | 1978, 83, |
| Pragmática<br>conversacional     |           | 1978, 83, |
| Pragmática das<br>representações | 1980,     |           |
| Pragmática                       | 1980, 83, | 1979, 83, |

Alguns fatos de linguagem presentes nestas tabelas foram fundamentais para o percurso analítico de minha pesquisa. Vemos, por exemplo, que enquanto *semântica lingüística* comparece em textos de O. Ducrot desde 1969 e é constante nas publicações subseqüentes, em textos de C. Vogt e de E. Guimarães, este nome comparece a partir de 1979 e é pouco presente.

O nome *semântica da enunciação* comparece apenas em textos de E. Guimarães. Este nome está presente nos textos deste autor desde 1979 e continua com uma presença constante nos anos seguintes. O nome *lingüística da enunciação* comparece apenas em um texto de O. Ducrot, de 1980.

O nome *pragmática* comparece nos textos dos três autores quase ao mesmo tempo: em 1974 e 1976. Em textos de O. Ducrot, este nome estará sempre acompanhado de um determinante. Em textos de E. Guimarães, a partir de 1979, e em textos de C. Vogt, a partir de 1980, o nome *pragmática* comparece com e sem determinante.

Os nomes *semântica argumentativa* e *semântica lingüística* não comparecem ao mesmo tempo nos estudos dos autores. O nome *semântica argumentativa*, no entanto, está presente em um número bastante significativo nos textos dos três autores.

Essa breve comparação permite observar em que medida estes campos são nomeados de um mesmo modo ou de modos diferentes. Os nomes *semântica lingüística*, *semântica argumentativa* e *pragmática* (com ou sem determinante), que estão presentes nos textos dos



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

três autores, nem sempre comparecem em seus estudos nos mesmos momentos (e também nem sempre da mesma maneira).

A elaboração desta tabela foi fundamental para as questões que realizei em minha pesquisa, com o objetivo de compreender as relações de diálogo e embate teórico entre os autores. Em suas condições históricas específicas, a semântica de cada autor não é a mesma, embora signifique como sendo a mesma. Isso, através do efeito de unidade produzido pela institucionalização de alguns desses nomes de teoria, como *semântica argumentativa* e *semântica da enunciação*.

O nome *semântica da enunciação* continuará presente ao longo das pesquisas de Eduardo Guimarães, até desembocar na *semântica histórica da enunciação* e na *semântica do acontecimento*. Nos estudos do autor, o diálogo estabelecido com a *análise de discurso* e com outras teorias no espaço científico brasileiro, foi produzindo uma necessidade de considerar outras questões para a sua semântica, como a história e a ideologia.

Um dos primeiros textos de E. Guimarães em que a questão da história aparece é “Não só... Mas Também: Polifonia e Argumentação” (GUIMARÃES, 1985). A história entra em suas reflexões juntamente com o conceito de *interdiscurso*, da *análise de discurso*, através da expressão ‘relação interdiscursiva’. Vejamos:

[14] “A partir da caracterização do Não só... mas também como polifônico, podemos dizer que pensar **como se constrói, ou construiu**, a expressão em estudo é pensar em **que relação com outro dizer** ela se constitui. Então a questão não é de escopo de operador, nem tão pouco componencial, mas de **relação interdiscursiva** numa situação de enunciação. Ou seja, **que dizer do outro o uso de não só... mas também representa ou resgata.**” (p. 99)

Vale acrescentar que, neste trabalho do autor, o sentido do *dizer do eu* é definido pelo *dizer do outro* e o sentido de ‘relação’, em ‘relação interdiscursiva’, é definido pelo conceito de *recorte* proposto por Eni Orlandi (1984). A ‘relação interdiscursiva’ é a relação entre *o dizer do eu* e *o dizer do outro*. Essa relação é recortada pelas figuras enunciativas.

Outra questão interessante a notar é que, nesse texto, torna-se importante considerar que a expressão *não só... mas também* não se constrói, simplesmente, mas ‘construiu’. A expressão ‘ou construiu’ abre espaço para a história entrar como uma questão para a semântica. Outra palavra que abre esse espaço é ‘resgata’. O uso de *não só... mas também*, além de representar o dizer do outro, também pode resgatá-lo. E é a relação interdiscursiva,



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

enquanto uma relação que é recortada, que permite a representação ou o resgate do *dizer do outro* no *dizer do eu*.

No final do texto há outra parte bastante interessante sobre a história:

[15] “(...). O que isto nos revela é que **a significação tem um caráter histórico**. No caso presente, diríamos: o que uma enunciação como não só X mas (também) Y significa é aquilo que os usos de não, só, mas e também constituíram como **história destes usos**. Ou seja, a significação de uma expressão lingüística não é o que resulta da combinação dos elementos de uma estrutura, mas é o que resulta da relação discursiva dos usos desta estrutura, ou destas estruturas, pelos falantes. Desta forma, parece podermos dizer, como diriam muitos, que **todo estudo semântico é necessariamente histórico (não estou dizendo diacrônico)**. Uma interessante consequência desta perspectiva é que ela desconsidera dicotomias como língua/fala, sincronia/diacronia, etc., que têm perpassado quase todo estudo lingüístico pós-saussuriano, impedindo assim a apreensão de aspectos importantes da linguagem.” (p. 101)

A história é concebida enquanto história dos usos. O sentido de *discurso*, neste trabalho de E. Guimarães já não é mais o de discurso com começo, meio e fim, como em sua dissertação de mestrado, que se identificava com o sentido de *enunciação* e remetia aos trabalhos de O. Ducrot e E. Benveniste, por exemplo. Aqui, trata-se do conceito de discurso com o qual a análise de discurso trabalha, a partir do diálogo teórico estabelecido com o trabalho de Eni Orlandi.

O acréscimo, entre parênteses, de ‘não estou dizendo diacrônico’ parece estar relacionado com uma necessidade de distanciamento da abordagem histórica de Émile Benveniste. Este acréscimo entre os parênteses funciona como uma negação da filiação benvenistiana da abordagem histórica diacrônica de seu *Vocabulário das Instituições Indo-Européias* (BENVENISTE, 1969b).

A questão da história e do interdiscurso continua a ter uma presença importante nos trabalhos que E. Guimarães desenvolve posteriormente. Em *Texto e Argumentação* (GUIMARÃES, 1987), a história funciona a partir de concepções diferentes. Na parte intitulada de “As regularidades lingüísticas; texto e recorte”, o autor escreve:

[16] “(...) seguindo uma formulação mais recente de Ducrot (1984), definiremos a enunciação como o evento histórico do aparecimento do enunciado.” (p. 12)

Nesta definição de enunciação, a história é um evento, um momento específico: o do aparecimento do enunciado. Ela é, desse modo, a história no tempo. Esta concepção de



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

história, que vem através da filiação do autor à teoria ducrotiana, é pensada ao lado de outra, que pode ser observada no capítulo II da obra, intitulado de “Enunciação, Polifonia, Argumentação”:

[17] “Talvez um esforço que valesse a pena ser feito, é manter esta caracterização básica da semântica da enunciação, sem, no entanto, assumir o ponto de vista de que a enunciação não pode ser tratada como **um fato histórico-social**. Este será um dos nossos esforços ao considerar a polifonia na análise da organização textual. E **o nosso conceito de história não será o da sucessão cronológica, mas a do passado ou mesmo futuro que se apresenta no presente de uma enunciação**. Nesta concepção a categoria de tempo não é explicativa, ela pode ser do nível do fato, mas não da teoria. Nisto nos apartamos, por exemplo, da posição de Benveniste na sua abordagem histórica do léxico Indo-Europeu (Benveniste, 1969, 12).” (p. 24)

A história não é diacronia e nem cronologia. E, neste texto, a oposição com a abordagem de E. Benveniste é direta. Ao lado destas negações há uma definição: o conceito de história é ‘o passado ou mesmo futuro que se apresenta no presente de uma enunciação’.

Neste trabalho de E. Guimarães, a história tempo e a outra história são situadas em espaços de atuação diferentes:

[18] “o conceito de *orientação argumentativa e polifonia (conceitos descritivos)* nos servirão para a descrição e explicação dos fatos a serem abordados, mas o objeto que construímos é de outra natureza, bem como a própria concepção do caráter explicativo da teoria. O nosso objeto inclui como materialidade lingüística **as regularidades enunciativas constituídas historicamente.**” (itálicos do autor – p. 29)

No plano da descrição e explicação dos fatos está funcionando o conceito de história no tempo, que funciona através do conceito de enunciação proposto por O. Ducrot e dos conceitos de orientação argumentativa e polifonia. E no plano do objeto construído encontramos funcionando esta outra história que ‘inclui como materialidade lingüística as regularidades enunciativas constituídas historicamente’.

O processo de construção do conceito desta outra história vai sendo traçado através de diálogos teóricos com estudos de M. Bakhtin, M. Foucault e M. Pêcheux, entre outros, num desenvolvimento feito em conjunto com estudos de E. Orlandi. Este percurso desembocará numa definição do conceito de enunciação que articula a questão do *acontecimento*, formulada em “Enunciação e História” (GUIMARÃES, 1989b):





Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

- [19] “O aparecimento destes enunciados é um **acontecimento** que tem características de certas condições sociais e históricas. (...) (...) Este **acontecimento** não é, portanto, só temporal. O histórico dele tem que levar em conta sua relação com as formações discursivas (Foucault, 1969).” (p. 78)

Tendo isso em conta, o autor traz a sua definição de enunciação:

- [20] “E nós a definimos, então, como o **acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado.**” (p. 78)

Neste trabalho, o histórico está articulado a ‘acontecimento’ e a ‘social’, e relacionado às formações discursivas. A introdução do conceito de formação discursiva introduz também a ideologia.

No artigo “Unidade e Dispersão: uma questão do texto e do sujeito” (GUIMARÃES & ORLANDI, 1988), a ideologia é algumas das questões centrais trazidas na discussão teórica de E. Guimarães e E. Orlandi, através do conceito de formação discursiva. Na parte intitulada “*Dispersão, unidade e textualidade*”, temos:

- [21] “Tratar da construção dessa unidade (discurso) e dessa identidade (autor) é atingir o modo pelo qual o texto é atravessado por várias **formações discursivas**. Neste estudo, procuraremos fazer isso, salientando, nesse modo de organização, **a relação entre formação discursiva e polifonia**. As **marcas** que tomaremos para observar essa relação são **as conjunções, a negação e as formas de indeterminação gramatical.**” (p. 57)

A relação entre as formações discursivas e a polifonia são observadas através de ‘marcas’. Entre estas ‘marcas’ estão as conjunções da *semântica argumentativa*.

Em *Os Limites do Sentido* (GUIMARÃES, 1995), o autor deixa de trabalhar com o conceito de polifonia e propõe a construir uma definição de *sentido* que inclua a história, pensada relativamente ao conceito de *interdiscurso*. A esse respeito, é interessante notar que o próprio nome da semântica do autor ganha uma especificação: *semântica histórica da enunciação*.

No diálogo estabelecido com a análise de discurso, o conceito de *interdiscurso* é trazido ao lado de conceitos como *formação discursiva, discurso, sujeito, posição de sujeito, recorte*, entre outros. Este conceito tem um papel determinante na definição de *sentido* e de vários outros conceitos em sua semântica.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Vejam, então, como o conceito de *interdiscurso* é formulado:

- [22] “**O interdiscurso é a relação de um discurso com outros discursos.** No sentido de que esta relação não se dá a partir de discursos empiricamente particularizados a priori. São elas próprias, **as relações entre discursos**, que dão a particularidade que constitui todo discurso. E neste sentido “o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e lingüisticamente definido” (Orlandi, 1992, 89), deste modo o enunciável (o dizível) é um já-dito e, como tal, é exterior à língua e ao sujeito. “Ele se apresenta como séries de formulações **distintas e dispersas** que formam em seu conjunto o domínio da memória” (idem, 90)” (p. 66)
- [23] “Relativamente ao **interdiscurso** pode-se definir formação discursiva. “As formações discursivas são diferentes regiões que **recortam o interdiscurso** e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes.” (idem, 20)” (p. 66)
- [24] “A dispersão do sujeito no texto se deve a que o texto é uma dispersão de discursos diversos, de **recortes do interdiscurso**” (p. 68)

Começando pelo recorte [23], vemos que o conceito de formação discursiva é definido através da citação de um recorte da obra *As formas do silêncio* (ORLANDI, 1992). É interessante observar, na formulação da autora, a presença da expressão ‘recortam o interdiscurso’. Há aí um funcionamento do conceito de *recorte* proposto pela autora e relacionado com o conceito de *interdiscurso*. Este funcionamento é retomado no texto de E. Guimarães em [24], na expressão ‘recortes do interdiscurso’.

Em [22], o conceito de *interdiscurso* é definido a partir de uma formulação do autor e de uma citação de *As formas do silêncio* (ORLANDI, 1992). Na formulação de E. Guimarães para este conceito, podemos notar a presença da palavra ‘relação’ como definidora.

A palavra ‘relação’ estava presente desde o artigo “Não só... mas também: polifonia e argumentação” (GUIMARÃES, 1985), na expressão ‘relação interdiscursiva’. Ela também aparece no artigo “Enunciação e História” (GUIMARÃES, 1989), através da palavra ‘relacional’ que se ligava, de certa forma, à palavra ‘cruzamento’. E vemos agora que esta palavra continua presente na definição de *interdiscurso* dada pelo autor. Ao mesmo tempo, este conceito também significa pela definição de E. Orlandi.

Enquanto definidora do conceito de *interdiscurso*, a palavra ‘relação’ tem um sentido específico no texto do autor, sentido que foi sendo construído no percurso teórico-metodológico e analítico de sua semântica. As formulações de alguns dos conceitos da



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

*semântica da enunciação* de E. Guimarães são lugares interessantes para observar as marcas que esse percurso produziu. Estas formulações também permitem observar a extensão que teve a apropriação do conceito de *interdiscurso* nas rupturas teóricas de sua semântica. Vejamos:

- [25] “... os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento.” (p. 68)
- [26] “... o sentido em um acontecimento são efeitos da presença do interdiscurso. Ou melhor, são efeitos do cruzamento de discursos diferentes no acontecimento.” (p. 67)
- [27] “Assim, um acontecimento enunciativo cruza enunciados de discursos diferentes em um texto.” (p. 68)
- [28] “A enunciação é, deste modo, um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso.” (p. 70)
- [29] “Diria que o objeto é uma exterioridade produzida pela linguagem, mas não se reduz ao que se fala dela, pois é objetivada pelo confronto de discursos.” (p. 74)
- [30] “... a argumentação está determinada pelo interdiscurso. A posição do sujeito, a posição de onde se fala é o “argumento” decisivo.” (p. 82)

Podemos observar como o conceito de *interdiscurso* é, então, fundamental para a concepção de *sentido* (enquanto *efeitos de sentido*), *sentido em um acontecimento*, *acontecimento enunciativo*, *enunciação*, *objeto* e *argumentação*, por exemplo.

Na definição de *interdiscurso*, enquanto relação de um discurso com outros discursos, a relação é de *cruzamento*, *confronto* e de *recorte*. E esta relação interdiscursiva é analisada em enunciados de discursos diferentes em um texto.

Outra decorrência importante do conceito de *interdiscurso* na obra do autor está na formulação de um modo de pensar a *intertextualidade*. A esse respeito, vejamos o que o autor escreve:

- [31] “**Esta relação de interdiscursividade mobiliza, inescapavelmente, a relação entre textos diferentes, ou seja, mobiliza a intertextualidade.** Esta relação é aquela que nos dá o lugar da historicidade específica da enunciação. Ou seja, a enunciação em um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os. Assim, **pela interdiscursividade e sua necessária intertextualidade**, o sentido não é formal, mas tem uma materialidade, tem uma historicidade.” (p. 68)



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Essa conceitualização de *intertextualidade*, enquanto necessária para a *interdiscursividade*, não prescinde da concepção de *texto* que foi sendo trabalhada por E. Orlandi; concepção em que *texto* não se restringe a textos escritos.

A apropriação do conceito de interdiscurso na *semântica da enunciação*, que foi sendo feita juntamente com a apropriação de outros conceitos da *análise de discurso*, permitiu ao autor construir outro lugar para a sua semântica, considerando a história. Ao mesmo tempo, isso produziu uma ruptura na filiação ducrotiana em que a história não era considerada.

A *semântica histórica da enunciação* de E. Guimarães construiu modos específicos de se trabalhar com o conceito de *interdiscurso*, os quais somente podem ser compreendidos considerando a relação deste conceito com outros, notadamente com os conceitos de *texto*, *enunciado* e *intertextualidade*. Dito de outro modo, *texto*, *enunciado* e *intertextualidade*, entre outros conceitos, são definidos pelo conceito de *interdiscurso* e, ao mesmo tempo, eles também redefinem o modo de se trabalhar com o *interdiscurso*.

### **Considerações finais**

O interesse de Eduardo Guimarães pela questão da enunciação e do discurso perpassa todo o seu caminho intelectual. Nesse caminho, a história também passa a ser uma questão importante a ser estudada. A inclusão da história, a partir do diálogo com a *análise de discurso*, leva a uma ruptura com a semântica lingüística ducrotiana, que se mantém no espaço do propriamente lingüístico produzido pelo corte saussuriano.

A perspectiva histórica da semântica da enunciação conduzirá E. Guimarães à elaboração de outros conceitos importantes. Vale citar aqui o conceito de memorável e a reformulação do próprio conceito de acontecimento, que desembocará na formulação de outro nome de teoria: *semântica do acontecimento*.

A partir das análises realizadas, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que a institucionalização de alguns nomes de teoria (como a *semântica da enunciação*) produz um efeito de estabilização, de cristalização de ilusão de que o domínio do saber e os conceitos já estão prontos, há o movimento da disciplina.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Pudemos observar que a *semântica da enunciação* de E. Guimarães não é a mesma ao longo de seus estudos. Há um caminho de questões que permanece e há questões que, em algum momento do caminho, deixam de ter importância.

Para compreender os sentidos de *semântica da enunciação*, de outros nomes de teoria presentes nos textos do autor, assim como os sentidos dos conceitos com os quais ele trabalha, é preciso compreender que esses sentidos não estão, simplesmente, nas palavras. Eles estão na história. As palavras que compõem esses conceitos e esses nomes de teoria se re-significam na história dos caminhos teóricos do autor. Nesta história, essas palavras re-significam os sentidos dos próprios conceitos e nomes de teoria. O sentido das palavras na história movimenta a disciplina.

Assim é o funcionamento da produção do saber: o conhecimento não é algo pronto, estático, parado, mas está em contínuo movimento. Esse movimento não é indiferente ao processo de elaboração e re-elaboração, ao trabalho com a linguagem, com as palavras, na história. E o modo sempre rigoroso pelo qual a disciplina se movimenta na obra de Eduardo Guimarães através de seu percurso de elaboração e re-elaboração teórica e analítica lhe confere um lugar respeitável na história da semântica brasileira. Este lugar é o lugar dos fundadores.

## Referências Bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. (1969a) « Sémiologie de la Langue ». *Semiotica I; Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard, 1978; “Semiologia da Língua”. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1969b) *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias*, v. I. Campinas: Editora da Unicamp.
- DUCROT, Oswald (1966) « Logique et Linguistique ». *Langages*, n. 2; *La Preuve et le Dire*. Paris: Mame, 1973; *Provar e Dizer*, São Paulo: Global, 1981.
- \_\_\_\_\_. (1969) « Pressuposés et Sous-Entendus » *Langue Française*, n. 4; *Le Dire et le Dit*. Paris: Minuit, 1984; “Pressupostos e Subentendidos”. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

- \_\_\_\_\_. (1972a) *Dire et ne pas Dire. Principes de Semantique Linguistique*. Paris: Hermann;  
*Princípios de Semântica Lingüística. Dizer e não Dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. (1972b) « De Saussure à la Philosophie du Langage ». Prefácio da tradução francesa  
de *Speech Acts* de J. Searle.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes (2005a) *Um nome de teoria estabilizado, sentidos em  
movimento: a semântica argumentativa na história*. Dissertação de Mestrado.  
Campinas: IEL/Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (2005b) “O conceito de interdiscurso na semântica da enunciação”. Trabalho  
apresentado no II SEAD, em 2005. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em:  
<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interdiscurso/anaclaudiaferreira.pdf>
- GUIMARÃES, Eduardo (1976) *Da Modalidade e Auxiliarização Verbal em Língua  
Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH – USP.
- \_\_\_\_\_. (1979) *Modalidade e Argumentação Lingüística. Análise dos Enunciados no Passado  
em Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH – USP.
- \_\_\_\_\_. (1985) “Não só... mas também: polifonia e argumentação”. *Cadernos de estudos  
lingüísticos*. Campinas: n. 8, p. 79-108.
- \_\_\_\_\_. (1987) *Texto e Argumentação. Um Estudo das Conjunções do Português*. Campinas:  
Pontes, 2001, 2 ed.
- \_\_\_\_\_. (1989) “Enunciação e história”. Em: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e  
sentido na linguagem*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. *Os limites do sentido. Um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas:  
Pontes, 1995.
- GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni. (1988) Unidade e dispersão: uma questão do  
sujeito e do discurso. Em: ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez;  
Campinas: Editora da Unicamp, 1999, 4.ed.
- \_\_\_\_\_. (2002) *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2004) *História da Semântica. Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*. Campinas:  
Pontes.
- ORLANDI, Eni. “Segmentar ou recortar?” Em: GUIMARÃES, Eduardo (org.) *Lingüística:  
Questões e Controvérsias. Série Estudos*, número 10, Uberaba: Fiube, 1984.
- \_\_\_\_\_. (1992) *As Formas do Silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp.